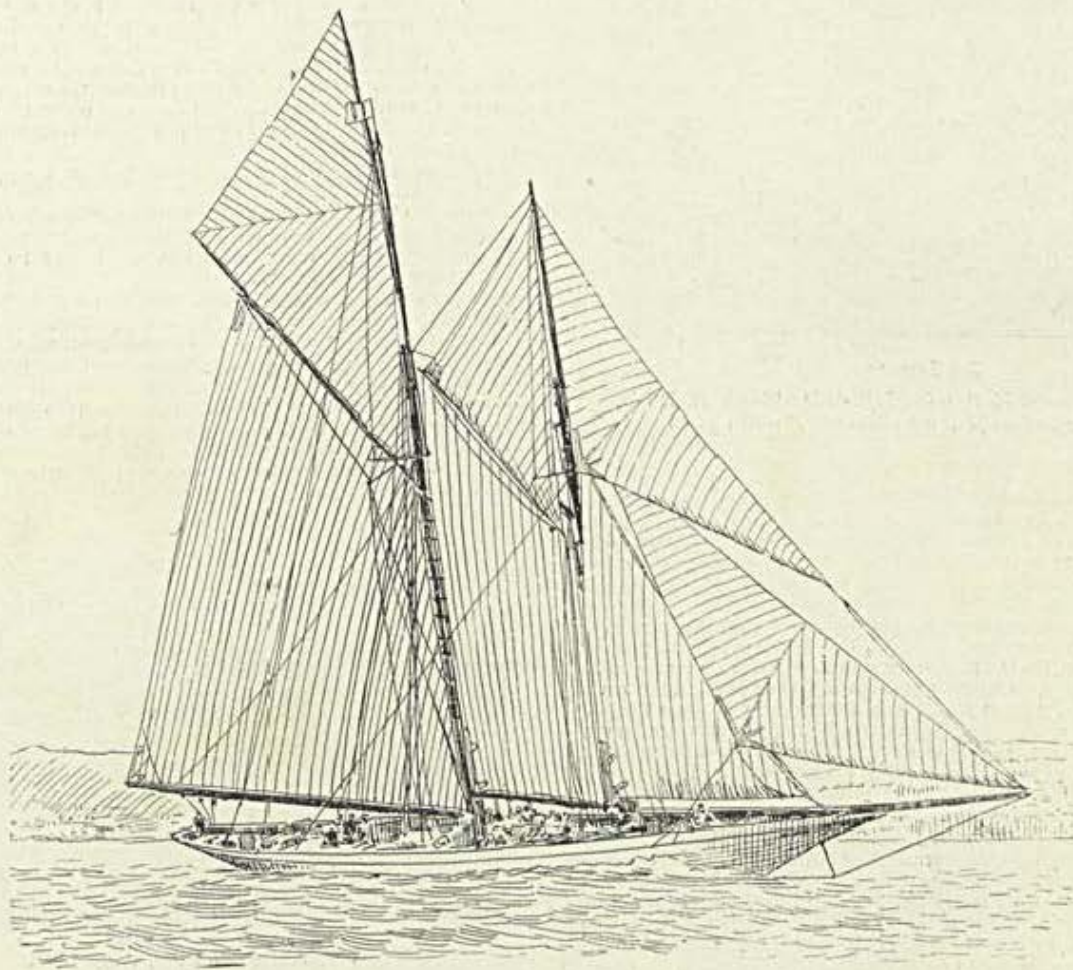


BRASIL-PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1905

N.º 161

Maris Stella



O novo palhabote real

Este barco que El-Rei D. Carlos comprou em Inglaterra, para oferecer a Sua Augusta Esposa, chamava-se «Sunshine» e com este nome ganhou varias regatas em Corveas, sendo a ultima de Dover a Ostende, realisada em 1904. O barco foi inscripto no registo com o nome de «Maris Stella». Construido em 1901, tem 118 toneladas, mede 85 pès de comprimento, 18,2 de bocca maxima e 11 de pontal.

CHRONICA



sport alarga a sua esphera de acção e desdobra-se cada vez mais em manifestações varias. Foi-se vulgarisando o termo, e creando adeptos, e hoje o *sport* ameaça invadir a propria casa do cidadão que pela lei fundamental do Estado é inviolavel. *Sport* é a equitação, a pesca, a caça, e sobre ellas ha até obras primas de pintores celebres, desde os museus afamados até ás luxuosas salas do jogo de Monte Carlo. Mas o *sport* não se limita a essas distrações por varios motivos e muito especialmente pela tendência natural da humanidade em se aristocratisar, quer seja comprando um titulo,

quer comprando apenas um automovel. Sae-se a um tempo commendador e *sportman*, as duas mercês mais vulgarisadas, uma, pela prodigalidade bonacheirona dos governantes e a outra, pela bonacheirice prodiga dos jornalistas. O distincto *sportman* veiu substituir o antigo *sr. Commendador* que hoje é apenas reservado a dois ou tres empregarios felizes. *Sportman* é hoje toda a gente; metade porque assim se apellida, a outra metade porque a logica lhe dá direito a sel-o. Se um homem porque é rico e adquire um ou dois automoveis, passa a ser um conhecido *sportman*, porque o não ha-de ser um outro que se mette n'um trem de praça e gasta cinco tostões n'uma corrida? O *sport* não tem fronteiras, e tanto abraço o amator que galga serras e valles, de espingarda ao hombro como o conquistador que se pavoneia pelas ruas e avenidas, de charuto na boca. Caçar lebres é um genero de *sport*, caçar corações deve



Em Cascaes

Visconde d'Athouguia, E. Plantier, Infante D. Afonso, H. Rollin, Carlos Carcalho, Jorge Bleck e madame Ferreira Pinto

ser outro. E a generalisação do termo chegou a ponto de ser sufficiente enfiar uma calça branca e pôr na cabeça um *bonet* de pala, para se passar logo a pertencer á classe que veiu substituir, sósinha, todas as outras em que se dividiam as sociedades. Com o dominio da burguezia nos governos das nações desapareceram a aristocracia e a plebe, mas a burguezia eclipsou-se tambem depois, perdendo o caracter proprio e transformando-se pouco a pouco. O clero, nobreza e povo de outros tempos, é hoje apenas uma phrase antiga, sem applicação. O anglicismo citado invadiu a vida de cada um com a bicycleta e os freios pneumáticos. O vapor mudou o viver da humanidade, galgou fronteiras, atravessou regiões longinquas, uniu nações e homens, englobou costumes, e hoje ninguém, nem mesmo boçal, pára já diante de um comboio, ou desconhece a força do carvão. Mas o automovel que veiu encurtar distancias, a capricho de cada um, é ainda para muitos, o desconhecido, um ponto de interrogação. Legiões ha que passam do antigo charrião puxado vagarosamente por uma junta de bois, para o carro voador que corta o espaço, na sua carreira vertiginosa, e essa transição tão inesperadamente brusca não pode deixar de acordar o instinto selvagem do homem. Assim se explica da parte dos que andam de automovel a desenfreada velocidade que desconhece attrictos e perigos, e da parte dos que andam a pé, a reacção barbara que assume proporções criminosas.

Ainda não ha muito tempo, uma noite quente de agosto, alguns frequentadores de umas thermas afamadas, foram dar um passeio de automovel. A' volta, tinham de passar uma ponte sobre um rio e a luz forte das lanternas chamou a attenção do *chauffeur* que parou logo. De lado a lado da ponte estava atravessado um grande pinheiro. O *chauffeur* agarrou n'elle e deitou-c á agua, e assestando a lanterna na direcção de uma das margens do rio, descobriu dois vultos. Tratava-se evidentemente de um attentado; indagou-se e

os dois curiosos espectadores de uma tragedia que o acaso impediu foram presos. Interrogados, responderam com a maior naturalidade d'este mundo:

— Era para ver o que succedia!

A ignorancia tem d'estas cruéis curiosidades. Era ainda para ver o que succedia que a uma outra familia, n'uma viagem pelo Douro, esperava o garrote: um arame esticado de lado a lado de



Vindimas — Uva para o lagar

uma rua, e a determinada altura. Se não fôra uma occasional pagagem que fez descobrir o arame, os passageiros d'esse automovel ficariam garrotados, porque a boçalidade popular queria ver o que succedia!...

A vida da capital espalha-se agora entre as sensações da roleta nas praias e o resultado das vindimas no campo. A objectiva dos collaboradores photographicos do *Brasil-Portugal* grava n'estas paginas alguns kodachs em flagrante, enquanto outros acontecimentos não surgem a animar o paiz, com os primeiros prenuncios do outono. O encerramento forçado das côrtes, constitue ainda materia politica para conversas e artigos, mas sem maior interesse, e por certo a *Chronica* lhe não faria referencia se não fôra a extravagancia de um argumento que apparece na discussão do facto. Esse argumento decisivo apresentado como defeza do acto governamental não é novo, e surge sempre que se trata de encerramento ou dissolução de côrtes.

— Fecharam-se ou dissolveram-se, porque a opposição provocava tumultos.

Em todos os parlamentos ha tumultos, e sessões tempestuosas, e teriam realmente que fazer os governos se houvessem de fechar a porta sempre que nas camaras de deputados, as discussões decorrem mais barulhentas!...

Compreende-se o adiamento, quando os governos carecem de estudar e preparar assumptos para a apreciação do parlamento: admite-se a dissolução quando os governos, não tendo maioria, ou tendo imminente um conflicto parlamentar, precisem de consultar o paiz. Mas adiar, fechar, ou dissolver, apenas porque uma duzia de deputados — e ás vezes menos — perturbam a ordem, é uma verdadeira puerilidade. No proprio regimento ha mil maneiras de a restabelecer. Os que delinquirem tem castigo, e na alçada dos que dirigem os trabalhos está a applicação d'esses castigos que lá fôra são vulgares, mas que entre nós, dada a brandura dos



Vindimas. — Ao largar do trabalho

nossos costumes, nunca, nem uma só vez, cremos mesmo, em setenta annos de vida parlamentar, foram postos em pratica.

Se para se conservar aberto o parlamento portuguez é necessario estar tudo de accordo e todos muito quietinhos, então adulterase o papel do legislador que passa a ser o de uma creança a quem se dá dois acoites quando não faz tudo quanto a gente quer.

Carta a um amigo ausente

Quer Você que eu lhe conte como é que o nosso Theodorico — aquelle sympathico bohemio que, ha seis annos ainda, por aqui andava escrevendo pelas gazetas para enganar a fome — se encontra hoje director politico d'um jornal officioso, deputado, talvez futuro ministro. Pois tudo isso o deve elle aos olhos negros d'aquella sua adoravel visinha da rua de S. Marçal, já então causa proxima ou remota de mais de metade das visitas que o Theodorico diariamente lhe fazia.

Foi tambem ha seis annos — como o tempo passa! — que Você saiu de Lisboa para esse voluntario e appetecido desterro no norte do Brasil, onde, tão distinctamente está desempenhando os seus deveres consulares, como diria o nosso amigo João Cortez que, na sua qualidade de segundo official no ministerio dos estrangeiros, usa sempre d'uma linguagem brunida a polimento, cheia de apertos de mão e de reverencias.

Deve, porém, lembrar-se d'ella. Alta, graciosissima, o cabello escuro emoldurando-lhe o rosto pequenino, a fleira dos dentes muito brancos destacando na face morena, em que um sangue rico de saude punha tons levemente rosados, os olhos quasi pretos, ora meigos e humidos, ora fogo vivo faiscando em scintellas luminosas, o nariz fino e breve, a bôcca risonha e fresca, de toda ella se exhalava um casto perfume de sympathia, que irresistivelmente nos prendia a vista, sem nos fazer pulsar mais depressa o coração! Mais do que a belleza tinha a graça, a graça ingenua e timida, que se não estuda, nem se finge.

O Theodorico, como Você sabe, era um d'aquelles temperamentos tipicamente portuguezes, que tudo deixam sempre para o dia de amanhã. Talvez effeito do clima, talvez producto da nossa condição enahorada, mais prompta a viver de phantasias do que a lutar contra a cruel realidade, agora enaltecendo o passado, logo idealizando o futuro, como que abandonando sempre á sorte aquillo que só do proprio esforço advirá, que estímulos, que energias, que poderosa e tenaz força de vontade podem bater, por ventura, no coração d'um povo, que ha pouco ainda acreditava no Encoberto, que tem, como canto nacional, a Fada, isto é, o Destino!

Sempre apaixonado, ou antes na supposição de que o estava, porque as paixões n'elle pouco mais duravam do que duram as rosas, tão depressa esquecendo uma, como logo avultando outra, o nosso Theodorico passava o tempo collaborando em jornaes, discutindo litteratura e arte pelos cafés, frequentando as livrarias e os theatros, sempre no enalço d'alguma conquista, complicada e difficil. Por esse tempo, ainda elle não pensava em politica. A publicação d'um novo livro causava-lhe mais alvoroço do que a queda do ministerio; e não havia discurso de opposição que para elle valesse um fugitivo volver de olhos, um rapido sorriso trocado de passagem.

Os amorosos profissionaes são os que menos profundamente conhecem o amor, porque apenas lhe roçaram pelas azas. Mas se a verdadeira chamma os toca, logo a transfiguração n'elles se opera, como qualquer estudantinho de quinze annos, ingenuo e affectivo. Bastam dois olhos expressivos, dois olhos em que possamos ler alguma cousa, que só para os nossos olhos seja dita.

Porque todos temos, n'este mundo, uma alma gemea da nossa, a unica capaz de com ella se irmanar e confundir integralmente. Por mais que a procurem, poucos a encontram; e poucos lhe sentem a falta, chegando até por vezes á illusão de suppôr que a encontraram. Mas, quando realmente se dá um d'esses encontros que o Acaso —

feliz Acaso! — tão raro proporciona aos mortaes, um simples olhar basta para os prender indissolvelmente, para os ligar para sempre pela existencia fora, como se o Destino os tivesse fatalmente guardado um para o outro!

Assim aconteceu com o Theodorico. A' maneira d'aquelles amores medievaes, de que falam livros de cavallaria, o primeiro olhar que trocou com a sua visinha, foi como que uma fulminante revelação. Para muitas mulheres tinha elle olhado, muitas até então julgara ver. Mas, na realidade, só agora via pela primeira vez. Por isso, n'um gracioso trocadilho, o Theodorico lhe chamava a verdadeira luz dos seus olhos, pois Luz era o nome d'ella.

De familia pobre e modesta, não pudera a sua visinha ter uma larga educação. Apenas aprendera a ler e escrever. Era, porem, de seu natural tão intelligente, tamanho o seu desejo de saber, que mal se acreditaria tivesse aprendido tão pouco. Em todas as mulheres ha uma disposição, um talento especial para bem escrever cartas. As da Luz — algumas me mostrou o Theodorico — eram um modelo de simplicidade e de candura, de commovida e honesta sinceridade.

O amor, que desde logo os subjugara, mais se affirmou na sympathia espiritual que, irresistivelmente, uma para a outra atraia as duas almas. Elle procurou educal-a, afeiçoar, despertar a sua intelligencia. Ella, nada conhecendo da Vida, tudo ignorando, mas tudo adivinhando tambem pelo seu amor, procurou fazer d'elle um homem, dando á sua vontade a força para lutar, á sua energia a confiança para resistir, ao seu character a tenacidade para vencer!

Mais do que amante, Luz foi para Theodorico um amigo, a mais leal e a mais dedicada das amigas. Nos seus esmorecimentos animava-o; consolava-o nos seus desgostos; exaltava os seus triumphos; habilmente dissimulava e desculpava as suas contrariedades. Assim lhe foi educando a vontade, dando relevo e efficacia ás qualidades, que n'elle dormiam latentes. Intelligencia solida e robusta, profunda e brilhante erudição, subtil agudeza de espirito, permitindo-lhe ver rapidamente a apparencia e a realidade das cousas, todas estas essenciaes condições de exito reunia Theodorico. Faltava-lhe só a firmeza no deliberar e a constancia no querer, incapaz de impôr á propria resolução resoluções contrarias á sua.

Pouco a pouco, lutando sempre, sempre animado por aquella em cujo amor elle encontrava alento e estímulo, a sua vontade fortaleceu-se, o seu character affirmou-se, a sua tenacidade venceu. E foi assim que em breves annos, d'um talentoso, mas quasi desconhecido plunitivo, cujo real valor só apreciavam os raros que o conheciam, o Theodorico se tornou o politico discutido e invejado, que Você me pergunta como em tão pouco tempo subiu tanto.

Effeitos do amor, do amor que é e será sempre uma das grandes forças do Universo, do amor integralmente correspondido, em que dois corações se fundem, se combinam n'uma só e ardente aspiração! Por isso o Theodorico lhe chama a sua Mascotte, pondo na efficacia do seu affecto tanta devoção e tanta fé, como um velho pescador siciliano no amuleto contra o mau olhado ou o mal de inveja. E o seu amor continua florido e viçoso como nos primeiros tempos, sincero porque é sentido, confiado porque é leal, forte porque é reciproco!

Aqui tem a historia simples e veridica do nosso Theodorico. Não vá ella causar-lhe agora inveja, e desatar Você por ahí em cata de alguma Mascotte. Deixe essa função ao Acaso...

QUEIROZ VELLOSO.





Mattosinhos – Porto



Figueira da Foz



A praia da Nazareth



Uma vista de Villa, do Conde

Monumentos de Lisboa



Monumentos dos Restauradores, na Avenida



Estatua de D. Pedro IV, no Rocio



Para a serie dos monumentos de Lisboa, figuram hoje mais dois, ambos invocando duas das datas mais gloriosas da nossa historia: a independencia e a libertação de Portugal. O primeiro celebra a data memoravel do 1.º de Dezembro de 1640, em que um punhado de bravos e de leaes portuguezes, accendidos ro fogo do mais acrisolado patriotismo, conseguiu sacudir o jugo tyranno dos Philippes e mostrar ao mundo inteiro como, apesar de tantos annos de martyrio, é ainda facil a um povo que tem a sua lingua e a sua historia cheia de tradições e rica de glorias, impor-se e libertar-se. O segundo celebra o termo das luctas civis no nosso paiz, a victoria da liberdade sobre o despotismo. Um completa o outro: em 1640, liberta-se Portugal do jugo castelhano, e escorraça os que tentavam apagar-lhe o nome e a historia de entre as nações livres; em 1833, liberta-se Portugal do jugo de um despota, e escorraça o usurpador que para servir as suas ambições tentara espalhar a rodo pelo paiz a guerra entre homens da mesma raça, entre irmãos!

São dois factos importantes da vida portugueza que ahi estão esculpidos, á entrada da avenida da Liberdade, e ao centro da praça do Rocio.

Foi Antonio Thomaz da Fonseca, o mesmo artista nacional que merecera o 2.º premio no concurso para o monumento a D. Pedro IV, quem fez o projecto do monumento aos Restauradores em 1877, e cuja construcção foi dada a 4 de agosto d'esse anno ao sr. Sergio Augusto de Barros, na parte de trabalho em pedra e erecção, pela quantia de vinte dois contos e novecentos mil reis. Mede perto de 30 metros esse monumento, tendo o pedestal seis metros e noventa e o obelisco uns quatorze metros e sessenta. Duas estatuas em bronze, bem lançadas e grandiosas mesmo, ornam o pedestal nas faces norte e sul: a estatua da Independencia, obra de Alberto Nunes e o Genio da Victoria, de Simões d'Almeida.

Este monumento foi erigido por subscrição e iniciativa da Commissão 1.ª de Dezembro, que era presidida pelo grande estadista Fontes Pereira de Mello.

O monumento do Rocio, tal qual se admira hoje, é projecto de dois estrangeiros, os quaes obtiveram o primeiro premio, entre os 87 concorrentes, que tantos foram os modelos apresentados e vindos de quasi todas as capitães. Esse premio era de dois contos e coube aos srs. Daviod, architecto, e Elias Robert, esculptor, ambos francezes. Outros quatro premios havia, um de conto e os restantes de quinhetos mil reis cada. Os contemplados foram, alem de Antonio Thomaz da Fonseca, um italiano A. Bezzi, um francez Gilbert e dois italianos que formaram o projecto n.º 84, Pagani e Bargagli.

O monumento compõe-se de quatro partes: envasamento, pedestal, columna e estatua. Mede perto de 29 metros de alto. O envasamento tem duas partes quadradas e com angulos chanfrados: na primeira resaltam dos angulos quatro pequenos pedestaes rectangulares, sobre os quaes estão sentadas quatro estatuas, allegorias á Prudencia, á Justiça, á Fortaleza e á Moderação; na segunda parte, ha 16 braços de armas das principaes cidades do reino, quatro em cada face.

O pedestal é tambem quadrado; nas quatro faces tem almofadas com inscrições.

Sobre o capitel, de ordem Corinthia e decorado com escudos das armas de Portugal nas quatro faces, eleva-se um pequeno pedestal redondo, á maneira de peanha e a que serve de remate metade de um globo. E' sobre este que assenta a estatua do rei soldado trajando o seu uniforme de general. Dos hombros pende-lhe comprido manto e cinge-lhe a frente uma corõa de loiro. Na mão direita tem a Carta Constitucional que elle outhorgou e appoia a esquerda nos copos da espada gloriosa.

Ambos estes monumentos foram inaugurados nos reinado de El-Rei D. Luiz I, o da Praça de Peiro em 1868 e o da Praça dos Restauradores em 1886.

A praia da Trafaria

Se alguma vez se conseguisse ligar as duas margens do Tejo, alargando a capital até os arredores de Almada, ter-se-ia attingido para Lisboa o supremo melhoramento.

hoje habitada apenas por pescadores, é susceptível da melhor e mais commoda transformação. Basta dizer que perto de Lisboa é a unica praia onde pôde haver banho de onda. Mas fica por ora muito longe; ha muita falta de transportes, não abundam os attractivos.

Por isso, a população que debanda para aquelle lado, deixa-se ficar na Trafaria, que pouco a pouco tem progredido, onde não



Praia e ponte

Desenvolver-se-ia rapidamente a encantadora margem direita do rio e transformar-se-iam as praias da Trafaria e de Caparica na mais bella concorrida praia, perto de Lisboa. Trafaria é

ha ondas, e onde a pequenada traquinas pôde confiadamente brincar na praia, sem perigo de banhos forçados. . .

E' em frente d'esta praia que está ancorada a escola de nata-



Clichés Benoitel.

No banho

hoje um recanto pacato e barato, aonde não chegou ainda nem o luxo das *toilettes* nem o luxo das roletas. E' espaçosa a praia, mas a população banhear encontra-se n'um espaço reduzido. O visitante, sempre junto do mar, percorre uns poucos de kilometros

ção dirigida pelo sr. Abbata, professor do Gymnasio Club, e cujas lições constituem todas as manhãs o grande attractivo dos banhistas. Na gravura que damos acima, *No banho*, vemos ao longe,



Clichés A. Lima.

Em dia de festa



Em dia de festa

sempre pela areia, dá a volta ao chamado bico — um bico de areia que fica em frente do Bugio — e encaminha-se então para a costa, onde o mar brame já com rugidos ameaçadores. Toda essa costa,

no mar, a embarcação escola para os arrojados saltos gymnasticos que faziam morder de inveja os mais destemidos acrobatas do Colyseu.

UMA VISITA INESPERADA

(CONTO MUDO)



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)

O porto de Lisboa

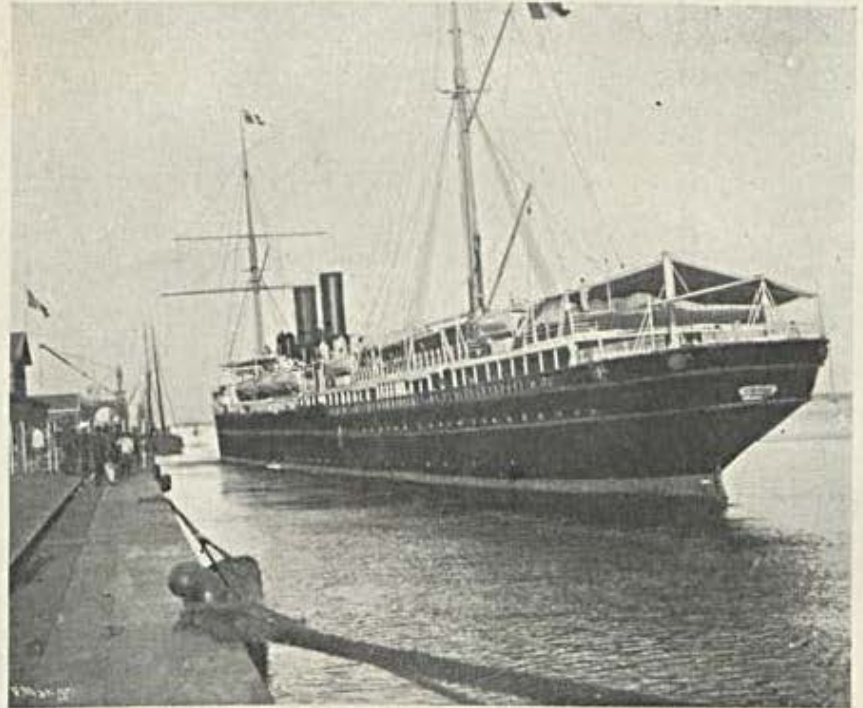


A situação geographica do porto de Lisboa é verdadeiramente privilegiada. Vasto, abrigado dos temporaes do Atlantico, acessivel a qualquer hora do dia ou da noite, o porto de Lisboa serve simultaneamente o Atlantico e o Mediterraneo, a America Central e Meridional, os Estados-Unidos e a Africa. Em belleza, em segurança, em facilidades de acesso só Constantinopla lhe leva a palma; em situação, na rota de todas as grandes vias do trafego europeu, excede muitos dos seus rivaes e a nenhum é inferior. Para

o movimento sul americano não tem competidor; em relação aos Estados-Unidos é dos mais bem situados. As suas escalas de Cabo Verde, Madeira e Açores estão onde deviam estar e parece terem sido collocadas alli, de proposito, para as carreiras da Africa e da America. A natureza deu-nos tudo quanto era preciso para convertermos o porto de Lisboa em *caes da America*, entreposto de commercio internacional e mercado de distribuição europeia. Deu-nos tambem homens capazes de ver longe e claro, de conceber a ideia inicial d'este plano gigantesco, traduzil-o em formulas concretas e executal-o. Não nos deu, por ora, o resto, isto é, uma cultura geral e uma civilisação, um ambiente, onde as grandes ideias e os planos gigantescos possam desafogadamente medrar.

Dois homens, um já morto, outro ainda vivo, previram, *ha dezenove annos*, que o futuro economico e financeiro de Portugal dependia, em grande parte, da franquia do porto de Lisboa e da sua adaptação a entreposto do commercio internacional e mercado de distribuição europeia. Emygdio Navarro e Marianno de Carvalho, duas cerebrazões absolutamente superiores, posteriormente dissolvidas e escravizadas pelo meio, tiveram, em 1886, a ideia do porto franco de Lisboa, dividindo-se a bahia de Cascaes e o estuario do Tejo até Lisboa em tres secções: a mais exterior para o grande commercio internacional, a intermedia para o commercio inter-peninsular, e a mais interna para o nacional. Eram ideias demais e muito grandes para um paiz tão pequeno. Ninguém as comprehendeu. Não as comprehendiram precisamente aquelles a quem mais directamente interessavam. O commercio, que agora chora lagrimas de sangue deante da perspectiva, nada risonha, do futuro porto franco de Vigo, abriu violenta campanha contra o projecto. A *illustrada* de Vigo, abriu violenta campanha contra o projecto. A *illustrada* de classe dos catraeiros, que o estrangeiro que demanda o porto de

dos nosos deputados, sempre ao par das grandes questões nacionaes, como é notorio e publico. Em conclusão: do plano verdadeiramente fecundo dos dois estadistas resultaram as obras do porto de Lisboa, grande passo, é certo, no caminho da adaptação do porto ás necessidades presentes e futuras do trafego, mas caricatura do vasto plano primitivo. Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro saíram da lucta completamente arrazados e sem grande vontade de recommear. Convencidos de que não podiam remar contra a maré, capitularam. Tudo quanto depois fizeram não vale uma pagina d'esse esforço herculeo. Pode dizer-se que ali acaba a sua acção autonoma e superior. Ficou a intelligencia brilhante, mas foram-se a crença e a esperanza. O resto pertence á politica, e a politica portugueza não é uma sciencia; não é sequer uma arte; é um jogo



Um trecho da muralha de Alcantara. — Partida do «Chili» para o Brasil

de expedientes. Recheliu e Colbert teriam sido, em Portugal, inspectores do sello.

Quem viu bem e viu claro foi a Hespanha que, seja dito de passagem — está sendo muito bem governada. A Hespanha previu, de longe, a importancia economica, politica e moral que a execução do projecto Lisboa porto-franco traria ao nosso paiz e tratou de prejudicar-nos em proveito proprio. Não lhe queiramos mal por isso. Fez o que devia.

O encarregado de isolar-nos, de segregar-nos do trafego mundial, foi D. José Echegaray, tão brilhante homem de letras quanto estadista eminente. A sua famosa *cinta de ferro* era uma obra prima de maldade patriótica e vale a pena consagrar-lhe algumas linhas.

A *cinta de ferro* de Echegaray, segundo a descreve o sr. Marianno de Carvalho, era "um caminho de ferro que de Huelva, por Caceres, Bejar, Salamanca, Zamora e Astorga, tornejando d'ahi outra vez para o mar, até á famosa bahia de Vigo, costeasse sempre a curta distancia a fronteira portugueza e fosse como uma especie de enorme canal de drenagem, que, sangrando todas as correntes commerciaes, as levasse ao sul para Huelva, ao norte para Vigo, não deixando que nenhuma viesse fecundar os portos e as linhas ferreas portuguezas. Ao abrigo da *cinta de ferro* funcionariam as linhas hespanholas, de um lado para os portos do Mediterraneo e de outro lado para o Cantabrico em Santander e Gijon.

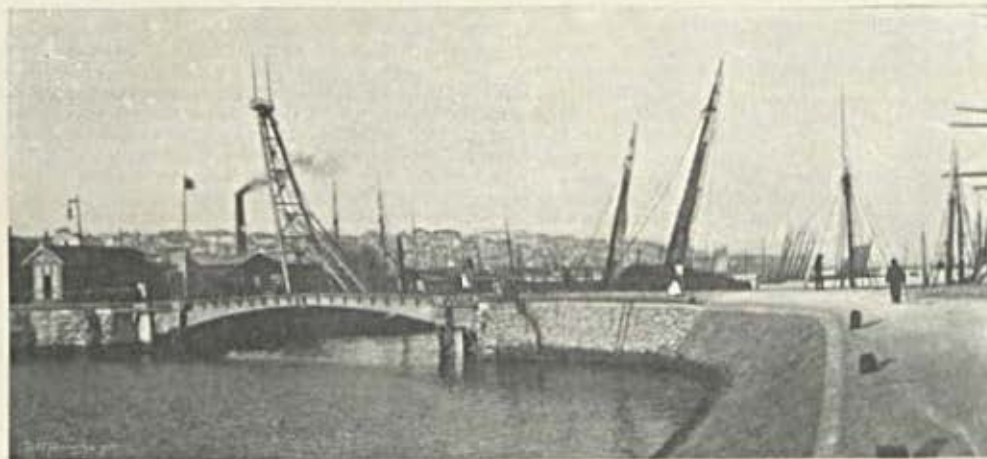
O abastecimento de Madrid não poderia nunca ser feito por Lisboa, attendendo á enorme extensão por Badajoz a Ciudad Real, visto que os homens de Estado portuguezes tinham, sob futeis pretextos militares, concordado n'este absurdo tratado de uma linha internacional. Reciprocamente todo o movimento de Lisboa para a Europa central havia de ir infallivelmente com grande dispendio de tempo e dinheiro alimentar a vida artificial de Madrid.

Ao sul não ficava a Hespanha menos bem defendida, porque a linha do sueste, ou não se ligaria á rede hespanhola, ou, descendo para Paymogo, collocaria Beja e até Cuba e a Vidigueira mais proximas



Outro trecho da muralha. — Aspecto do Tejo

Lisboa conhece bem pela cultura das suas falas, a urbanidade dos seus modos, a modicidade dos seus preços e a sua influencia profunda na economia da nação, tambem pesou fortemente no animo



A doka de Santos

do porto de Huelva, que de Lisboa. Ao norte a linha do Douro esbarraria nos fraguados do rio em Barca d'Alva, e ainda que d'ahi se prolongasse através de mil dificuldades, iria esbarrar na *cinta de ferro*, em Salamanca. O mesmo succederia á que tentasse seguir por Bragança, que tambem encontraria a linha de drenagem em Zamora, ou á da Beira Alta que toparia com ella ainda em Salamanca. O bloqueio de l'ortugal era completo, e todo o nosso futuro commercial ficava arriscadissimo, senão perdido.

Echegaray não teve successores dignos do seu poderoso engenho e estes deram tempo a que rompessemos a *cinta de ferro*, ao norte com as linhas de Salamanca á fronteira portugueza, ao centro com o ramal de Caceres que metteu pela Hespanha dentro um braço de quatrocentos e tantos kilometros de via ferrea sujeitos á direcção portugueza.

Era ainda projecto da Companhia Real ligar Caceres a Salamanca, assenhoreando-se assim de um largo trecho da *cinta de ferro*. Para isso trabalhou, chegando a obter a respectiva concessão. Veiu, porém, a crise de 1891 com os seus mil desastres, complicações e panicos: perderam-se a linha de Caceres e a de Caceres a Salamanca: perdeu-se tudo; ficou de pé a *cinta de ferro*; e a Hespanha recuperou pelo simples jogo da incapacidade e da pusillanidade alheias todas as vantagens que á custa de enormes sacrificios haviamos conseguido annullar.

De Lisboa porto-franco ninguem mais se occupou. De vez em quando um ou outro artigo dos srs. Emydio Navarro e Marianno de Carvalho. Nem merecia a pena repisar o assumpto. O commercio continuava a não comprehender as vantagens e o alcance da grandiosa ideia. A attitude das fragateiros e catraeiros tambem não mudara. Mantinha-se imperterrita contra essa monstruosa invasão das suas attribuições.

Ha um anno, pouco mais ou menos, correu com insistencia o boato de que entre os governos hespanhol e brasileiro havia negociações entoladas para converter Cadiz em porto franco, recebendo este porto em franquia todo o café brasileiro. Em troca, o governo brasileiro daria aos productos hespanhoes vantagens aduaneiras de tal sorte que a nossa exportação para o Brasil ficaria virtualmente reduzida á sombra do que fóra e é.

Simultaneamente, começou tambem a falar-se de negociações entre a Hespanha e a Argentina tendentes ao estabelecimento de carreiras directas entre os portos da florescente republica e o porto de Vigo, sendo este transformado, pela franquia, em entreposto de uma parte do commercio internacional argentino. N'esse projecto, os hespanhoes, com rara intelligencia e persistencia, não se pouparam a esforços e sacrificios. Organizaram a União Ibero-Americana; promoveram conferencias; escreveram brochuras de propaganda; mandaram uma missão



Clélio Bonifazi.

Entrada do entreposto de Santa Apollonia

commercial á Argentina... em conclusão: mexeram-se.

E nós? Nós demos ao assumpto dez minutos de reflexão. Não podia ser mais porque havia pendente sobre o paiz a grave questão do accordo eleitoral em Tortozendo. Depois... depois reduzimos o nosso criterio profundo e sabio a esta forma lapidaria, concituosa e biblica: "Nunca haverá portos francos em Hespanha por causa das rivalidades provinciaes!",

Deux pays! como diria o Forain!

Pois ha, ou vae haver, segundo todas as probabilidades. Emquanto a nossa politica mesquinha e irritante, sem ideias e sem nobreza, se estereotipa, extenua e dissolve em occupações mesquinhas, os hespanhoes estudando, luctando e trabalhando conseguem afastar do nosso porto de Lisboa, porto admiravel, enseada sem par, essas correntes de riqueza que são o sangue e a vida das nações modernas.

CUNHA E COSTA.

Lisboa em 1842

pelo

Principe Sichnowsky⁽¹⁾

ma ordem da embaixada Portugueza em Londres poupou em Lisboa a minha bagagem ao exame muitissimo incommodo do costume: o escalero do inspector da Alfandega foi-me offerecido, e apressei-me a desembarcar.

O que deve surprehender immediatamente a todo o estrangeiro, é encontrar por toda a parte n'este paiz uma grande elegancia em tudo que diz respeito ao serviço publico, apesar do estado decadente das finanças. Os escaleros da Alfandega estavam acceadamente pintados, os assentos cobertos de almofadas, e sobre os toldos pendiam as armas Portuguezas illuminadas com vivas cores.

Os remeiros traziam camisas brancas de neve com colleirinhos azues, cintas vermelhas, chapéus de coiro envernizado, com o nome do estabelecimento em iniciaes douradas. Tabalhavam com a cadencia ingleza, e puzeram-me rapidamente no caes da Praça do Commercio. A primeira vista d'esta praça grande e regular, das ruas que d'ella decorrem parallelamente entre si, e em geral da moderna parte da cidade, acredita-se poder assegurar que é Lisboa a mais brilhante das capitales da Europa mesmo em relação á elegancia. Imaginem-se trinta a quarenta mil casas edificadas sobre a encosta do Sul de sete risonhas collinas, e que como uma orla bordam o Tejo, desde Belem até Xabregas em um comprimento

✧ Em flagrante — Cascaes em foco ✧



Na praia. — O casino

de seis milhas inglesas; formosas praças, bellos e grandes edificios publicos, um aqueducto egual ás obras dos Romanos, o branco zimbório e torres do Coração de Jesus, o gothico mourisco convento de Belem, e o agradável terrasso de S. Pedro de Alcantara. Esta é a vista, que hoje apresenta Lisboa: da velha, sombria, e angulosa cidade, que existia antes do terremoto de 1755, já muito pouco se vê hoje, principalmente nos bairros baixos. A muralha, que antigamente circumdava a cidade, era flanqueada por 77 torres, que todas cahiram por terra; actualmente é a cidade defendida pelas linhas de Torres Vedras, contra as quaes se baldaram todos os esforços de Massena, e por meio dos reductos da planicie de Ourique, que D. Pedro elevou em 1833. O velho palacio real na margem do Tejo, cuja figura originaria ainda se vê em plantas e perspectivas antigas — foi inteiramente victima das commoções terrestres (2), e em seu lugar prolongam-se caes elegantes. O espirito energeticamente creador do edificador da Lisboa actual, o grande Marquez de Pombal, reconhece-se immediatamente em todas as suas obras; todas ellas tem o cunho de um genio poderoso, e é a prova maior da decadencia moral d'esta nação, acontecer que um dos seus homens mais illustres, havendo apenas 70 annos que desapareceu da scena politica, cada vez encontra menos reconhecimento. Sómente na bocca do povo tem sempre sido acatado o seu nome, e ha muitos individuos da classe intima, que ainda hoje se lembram (e tal-vez com intenção allusiva), do epigramma que andava nas bocas de todos por occasião da queda de Pombal: *Mal por mal, melhor Pombal.. Quando se lê com attenção a historia d'este homem admiravel, deve surprehender a sua notavel semelhança com Richelieu; seria difficil prestar ao ultimo um elogio sem restricção; contudo eram as circumstancias dos dois paizes muito differentes, e o que poderia ser exprobadado a Richelieu, deve talvez a despeito de Pombal ser considerado como a exigencia de uma imperiosa necessidade. De qualquer modo que sejam julgadas — a sua severidade contra a prepotente e desmoralisada nobreza, a execução dos dez conjurados (Aveiro, Tavora, etc.) e principalmente a expulsão dos jesuitas, todas as opiniões devem fazer justiça ás grandes instituições que elle poz em vigor a beneficio da

Dirigi-me por baixo das arcadas que circumdam a praça e lhe dão uma engraçada apparencia; os seus edificios, que são todos repartições publicas, são uniformes, pesados, e no estylo dos collegios dos jesuitas. No meio acha-se uma estatua equestre de D. José I, bastantemente destituída de gosto; no seu socco tinha a principio sido collocado o busto em bronze de Pombal; contudo foi arrancado pelos seus inimigos na vespera da coroação de D. Maria I e substituído pelas armas da cidade. Da Praça do Commercio, seguindo a larga e bella rua do Arsenal, vae-se dar á Praça do Pelourinho, no meio da qual existe um formoso obelisco em fórma de columna e que mais tarde me disseram ter servido antigamente para *forca dos fida'gos*. Ainda chegou a funcionar no tempo de D. Miguel, sómente com o restabelecimento da Constituição,

que destruiu muitos privilegios da nobreza, perdeu aquella prerogativa funebre.

Fui recebido na rua d'... em uma hospedaria.... A dona da casa uma *ci-decant* bella mulher com ainda classicos vestigios de depostos encantos, esteve antigamente na posse de ternas relações com D. Miguel: ha mesmo alguem assaz atrevido para chegar a assegurar que existem provas vivas d'aquella predilecção real. Creio que ella depois d'essa epocha nunca mais foi tão exigente ácerca da gerarchia dos seus adoradores. Conduziu-me para um soffrivel quarto com a mais encantadora vista para a praça dos Remolares, para o caes do Sodré e para o bello Tejo,



«Flirts» á sombra

sua patria; e a sua incançavel actividade e sabias providencias depois do terramoto, ficam acima de todo o louvor, e lhe asseguram um brilhante logar na historia. Lisboa, no seu estado actual, é o monumento que elle proprio elevou á sua immortalidade. Não só Portugal, muitos outros paizes, mesmo sem terem padecido a catastrophe de um terramoto, necessitariam ainda hoje de um Marquez de Pombal.

que eu sempre me alegrava de poder ver. Os quartos eram espaçosos, altos, arejados, e tinham camas largas, de que se poderiam talhar quatro ou cinco dos denominados leitos de uma só pessoa segundo a escala das hospedarias provinciais da Prussia. Para mim essas apertadas tumbas são abominaveis; e por isso apoderei-me com regosijo da minha nova habitação. O chão, como se usa em todo o Portugal, era coberto com esteiras finas, d'um ama-

rello claro, que são tecidas de junco e são muito elegantes e agradáveis. Esta especie de alcatifas seria muito para recomendar nos nossos pavilhões e casas de campo, e sómente se não costuma



«screvi teu nome na areia...»

estendel-as nas salas de baile. Por experiencia propria conheci o genero de martyrio que é ter de valsar sobre taes tapetes

Logo que foram feitos os meus primeiros arranjos, encarreguei tudo de que tinha necessidade a um corpulento gallego, especie de

quando comemos o fructo de casca grossa, agro e filamentososo que é cultivado nas nossas estufas septentrionaes, entre a geada e o estrume, em arvores encarceradas; ou as denominadas tangerinas italianas das lojas de confeitiro da Allemanha do Norte, as quaes por causa do transporte teem de ser colhidas antes de estarem maduras.

Em contraposição d'estas magnificencias, o leite e todos os lacteinos são muito maus. As vaccas, como em Hespanha, são ordenhadas com parcimonia e sómente no monte, com o receio que ha geralmente de prejudicar os vitellos obrando d'outro modo; e por isso bebe-se muito leite de cabra e come-se manteiga velha e rançosa. A predilecção pelo ranço é quasi geral entre os portuguezes; e por isso gostam só do azeite que tem adquirido pelo decorrer do tempo um travo desagradavel. Quando, ha algum tempo, o embaixador d'Austria recebeu de Hespanha uma remessa de azeite novo de mesa, provaram-no os empregados da Alfandega de Lisboa para conhecerem o conteúdo das vasilhas e admiraram-se altamente do extraordinario paladar do diplomata do Norte, que gostava de azeite sem cheiro e que não requeimasse a lingua. A's loucuras gastronomicas que teem em particular todas as nações e que consistem as mais das vezes em mandarem vir de longes terras e por um preço elevado objectos que no paiz se encontram e de muito melhor qualidade, a estas loucuras pertence o facto de, em quasi todo o Portugal e principalmente nas grandes cidades, consumir-se exclusivamente o queijo hollandez em grande quantidade, ao passo que na serra da Estrella se preparam excellentes queijos por um preço modico, semelhantes ao *stilton* inglez e muito preferiveis ao queijo prato.

Depois do jantar aproveitei a noite dirigindo-me ao theatro italiano. Nas muitas viagens que tenho feito, os theatros parecem-me sempre um meio rapido de receber em grosso as impressões sobre as diferentes classes da sociedade, quando ainda se não ha tido tempo para indagar os pormenores. O Theatro de S. Carlos em Lisboa é um dos mais bellos e mais consideraveis edificios d'esta cidade; e sem contestação pode ser collocado a par dos primeiros



Uma largada

factotum mais semelhante a um golfinho do que a um homem. Tenho para mim que quem viaja em um paiz qualquer, o mais razoavel de tudo é abraçar o modo material de viver dos seus habitantes; aliás se vae figurar na categoria d'aquelles libertadores da patria brandeburguezes, que na Champagne apaleavam os seus estalajadeiros, porque estes lhes apresentavam o seu bello vinho gazoso e nem sequer uma gotta de cerveja branca.

Quando domina o terrivel calor, que durante o dia paralyza no verão a todo o homem, quem não é negro nem aguadeiro deve, tanto quanto possivel tratar dos seus negocios muito cedo, muito tarde, ou de noite. O mesmo acontece com o comer, *cette maniere agréable de satisfaire a un besoin impérieux*, como disse uma mulher gastrónoma muito instruida e espirituosa, que sempre foi muito amavel para commigo e que deve aqui reconhecer-se de novo, se tiver tempo para ler este humilde bosquejo. A alta sociedade e as classes ociosas jantam em Portugal perto das oito horas da noite. Aceitei tambem essa hora e devorava então um jantar soffrivelmente *mangeable*, ainda que em geral o modo de cosinhar em Portugal seja pesado e gorduroso e os homens deteriorem o que a terra e o mar lhes offerecem dotado das melhores qualidades; pelo contrario todas as fructas cruas ou de conserva são optimas, os vinhos preciosos, mas muito fortes mesmo os que em Lisboa se usam como vinhos de mesa, — o tinto Collares e o branco de Arinto. No interior do paiz o vinho é mau em muitos logares; no districto do Porto o vinho é fraco, que se exporta pouco, é agradável, chama-se *vinho maduro do Alto Douro* em contraposição do *vinho verde*, que tem um sabor detestavel. Como todos os meridionaes, os portuguezes dão muito apreço á sobremesa; não necessito mencionar as fructas de todas as zonas e principalmente as laranjas celebres no mundo inteiro, de cujo sabor formámos pequena idéa,

da Europa. Foi edificado no espaço de cinco mezes por um italiano chamado José da Costa e é exclusivamente destinado á opera italiana e á dança, ao que infelizmente nos ultimos tempos se reuni-



A innocencia da roleta

ram peças políticas denominadas — representações patrióticas — que particularmente são exploradas nos dias de gala, quando assiste ao espectáculo a corte e tudo o que lhe pertence em grande uniforme. Para um espectáculo d'esta especie são trazidos sobre o palco os mais importantes acontecimentos e as mais distintas personagens da historia contemporanea com o indispensavel acompanhamento de fumo de polvora, de musica turca, de colophonia e de fogos de Bengala; n'uma palavra, é como uma peça do estabelecimento de Francoini; e pareceu-me isso inteiramente indigno de um theatro sério e da presença da familia real. No dia da minha chegada a Lisboa, foi dada a *Rainha de Golconda*, que alternando-se unicamente com as *Prisões de Edimburgo*, me perseguiu constantemente durante os dois mezes da minha residencia n'aquella cidade. O palco é elevado e amplo, as decorações mediocres e o guarda-roupa pobre e deficiente; porém a companhia italiana pareceu-me admiravelmente boa; pode soffer parallelamente com as cidades italianas de segun-



Primeiros passos

da ordem. A sala é grande e pomposa; tem cento e vinte camarotes fechados, dispostos em cinco ordens desde a scena até á tribuna da Rainha, que é fronteira ao palco, sustentada sobre columnas e que alcança em altura desde a primeira ordem até junto do tecto. No proscenio acha-se de um lado o pequeno camarote real, onde Suas Magestades vão nos dias ordinarios; no lado opposto adereços eguaes distinguem o camarote do conde de Farrobo — financeiro, cujo pae no fim do seculo passado alcançou uma grande fortuna e ao qual, em consequencia dos dinheiros que adeantou para a construcção do theatro, se concedeu ridiculamente aquelle insolente privilegio. Nunca em cidade alguma da Europa vi coisa que mais tivesse o caracter da ostentação da altivez pecuniaria; ainda que talvez pudessem tambem ser citados como factos analogos os dois camarotes forrados de vermelho, dos A.; contudo esses, segundo me disseram, não são camarotes hereditarios como os do conde de Farrobo. Uma disposição muito vantajosa no theatro de S. Carlos são as chaves, de que se dá uma particularmente para cada camarote. Teem o seu numero n'uma chapa de metal e sómente abrem a respectiva porta. Quando se aluga um camarote recebe-se, em vez de um bilhete immundo ou de uma senha uma chave, que sómente se pede de novo quando acaba o tempo do aluguer ou a assignatura. Em compensação d'esta boa medida o interior dos camarotes é muito miseravel; paredes nuas, sem um tapete, bancos compridos sem almofadas, com toda a dureza da madeira de que são feitos, e a falta total de commodidades, que deve ser muito extranhada por quem está acostumado á requintada elegancia e conforto da Opera de Paris ou de Londres. Todavia acontece em Lisboa que, sendo os camarotes fechados e tendo paredes lateraes, no logar que se pagou está-se á vontade e como em casa popria, livre da curiosidade indiscreta dos vizinhos, ao contrario do que sempre succede em tantos theatros mesmo das côrtes de Allemanha. Seria tambem conveniente que d'estes últi-

pria dos povos da peninsula iberica. Não seria de certo possível isto nos corredores estreitos e cavernosos do theatro de Vienna; os de Lisboa porém são largos, altos e abobadados. A representação dura muito tempo; e segundo o costume italiano, sendo a mudança de peças muito pouca, acontece que, á excepção dos bocados mais validos ou da entrada do principal actor — todos conversam nos camarotes, fazem-se visitas e apinha-se nos corredores a gente da platéa.

O ornato da sala é, se bem me lembro, branco e dourado e no tecto ellyptico estão representados os corpos celestes e o systema planetario; sobre o proscenio está sustentado um grande relógio que é sustentado á direita por Saturno e da esquerda pelas Musas, e sobre a caixa d'elle está encostado um Cupido bastantemente grande que olha para baixo, talvez com repugnancia, sobre as bellas damas lisboenses que se enfeitam pouco para apparecer deante d'elle. Estas vão ao theatro as mais das vezes com chapéus e com vestidos *en negligé*, e os homens com sobrecasas de passeio e com luvas detestaveis. As senhoras tiram então ordinariamente os seus chapéus, como costumam fazel-o os homens em muitos paizes quando entram em um quarto, e sentam-se ali com o cabello descoberto e com leques compridos, não se voltando senão a metade para o publico e entretidas em activa conversação para dentro dos camarotes; nos quaes, por via de regra, o ultimo individuo que chega desaloja, segundo o uso da Italia, o visitante anterior; e isto continúa assim até perto da meia noite em que o panno cae pela ultima vez...

(1) Este príncipe allemão deixou da sua visita ao nosso paiz um livro muito interessante intitulado *Portugal — Recordações do anno de 1842*. E' curioso conhecer a primeira impressão que elle teve de Lisboa.

Das bellezas da versão, publicada em 1845, lavámos as mãos.

N. da R.



Mãe ou tia?



A' hora do banho.

As mulheres e a politica

Longo que se restabeleceu a ordem formaram-se diversos partidos, que se guerreavam, ou abertamente, ou ás escondidas. A causa da discórdia na corte de Isabel era a politica externa. Lestocq exercia grande influencia na soberana, era francez e por isso a favor da Prussia, ao passo que Bestusef estava do lado das potencias maritimas e da Austria. Ambos procuravam partidarios nas pessoas favoritas da tsarina.

A condessa Suvalof, depois de nomeada dama de honor, conseguiu as boas graças de Isabel. Elia e o amante, camarista Voronof, puzeram-se do lado de Bestusef, ao passo que Lestocq dispunha do primeiro ministro da Russia, do grande chanceller Iseherkoki.

Os dois partidos procuravam captar o conde Suvalof por causa das suas intimas relações com a tsarina, sobre quem exercia grande ascendencia. Lestocq, sabedor da avidez do conde, enveredou por caminho seguro, aconselhando o marquez de la Chertadie a obter para o conde uma renda annual paga pela corte franceza.

O engodo dera bom resultado.

Os inimigos de Lestocq ficaram inquietos e o vice-chanceller fez todas as diligencias para chamar ao seu gremio este poderoso alliado.

A condessa Suvalof, encantadora como era, não tinha influencia alguma no marido, e em taes circumstancias só uma mulher intelligente e formosa poderia fazer pender a balança para o lado do partido austriaco, porque Suvalof, não obstante gostar muito de dinheiro, ainda apreciava mais os encantos do bello sexo.

fosse transportada para Lisboa alguma coisa da severa politica que n'elles se emprega contra o fumar. Durante todo o tempo do espectáculo e mesmo quando a corte está presente, o salão e todos os corredores estão sempre cheios de fumo como em um café dos mais frequentados, conversando-se em voz alta e correndo-se para um e outro lado — com essa mania passeadora que é tão pro-

Bestusef sondou-lhe os pensamentos e citou todas as damas do seu conhecimento, mas só se lembrava d'uma que fosse capaz de dominar o conde, e essa era a sua própria mulher.

A condessa Bestusef passava, como a tsarina Isabel e a senhora de Lapuschin, por ser uma das mulheres mais formosas da Russia; as tres podiam subir a qualquer hora o monte Ida para solicitar de Páris a sentença.

A condessa, além de bonita, possuía a mais das suas duas rivaes graça e finissima educação. Tinha o ar d'uma galante marqueza da corte de Versailles, a cujos pés ajoelhavam tanto poetas e pintores como estadistas e heroes.

O ciúme da imperatriz pela belleza de sua mulher indicou a Bestusef o caminho a seguir. O politico não hesitou em confiar a sua diplomacia á intelligencia da esposa para captar Suvalof. A condessa occupava-se a dar de comer a um papagaio quando Bestusef lhe fez essa revelação.

Era de manhã; a formosa senhora tinha os cabellos soltos e envolvia-lhe as esculpturadas formas um elegante traje matutino.

Olhou para o marido abrindo muito os olhos e depois principiou a rir.

— É um gracejo da tua parte! exclamou ella.

— Não, minha filha, respondeu Bestusef. Falo serio. Sei que és bastante formosa e intelligente para dominar Suvalof e tenbo-te por bastante orgulhosa para não recear que o conde te inclua no numero das suas conquistas.

— É muito lisonjeiro para mim, respondeu a formosa condessa. Lisonjeia a minha vaidade e a minha virtude, porque Suvalof é

pés da mais poderosa mulher da Russia, da mulher que te elevou acima de todos os teus compatriotas.

Suvalof convenceu-se de que Isabel mandara a encantadora baechante para experimentar a sua fidelidade e riu-se da cilada.

— A minha idolatria pela tsarina nunca a escondi, respondeu. Sim, é verdade, adoro-a, e ao pé d'ella não ha outra mulher que me fascine.

— Oh! com que descaramento mentes! commentou a baechante a rir. Conhecem-te melhor, bella mariposa, e amam-te mesmo sendo volúvel.

— Amam-me? inquiriu Suvalof pegando-lhe na mão.

— Cuidado! murmurou ella. A tsarina observa-nos. Parece que não tem tanta certeza da tua fidelidade como tu.

— E tu? perguntou o conde.

— Eu? Sei que te verei a meus pés logo que queira, murmurou a baechante.

— Não me conheces!

— Conheço-te muito bem, interrompeu a encantadora mulher com formas de Venus: mas se te julgas tão forte, desafio-te para a lueta.

— Traies-te cedo de mais, bella diplomata.

— Agora não te comprehendo. Pertences á tsarina, é por isso que estás tão cauteloso? — perguntou a baechante sarcasticamente.

— Estou só ao serviço do meu coração, que será teu, se o conseguires ganhar.

— Dá-me ensejo para isso.

— Quando te aprover.

— Ainda hoje se quizeres; segue o meu trenó.

Suvalof começou a reflectir.

— Depressa te acobardas, glorioso hero! cas aleovas! zombou a mascara malevolamente.

— Pois seja: seguir te-ei seja para onde fór, respondeu elle porfim.

— D'aqui a uma hora estarei em frente do Almirantado.

— Lá me encontrarás.

O coade voltou para o lado da tsarina e contou-lhe que a attraente baechante era a velha duquesa de Mentschicoff, que se disfarçara por essa forma para enganar a juvenude galante.

Isabel ficou tranquilla.

A' hora combinada Suvalof apeou-se do trenó em frente do Almirantado e mandou-o embora. Não esperou muito; d'alli a pouco chegou outro fechado e parou em frente d'elle.

Abriu-se a porta e uma alvissima e fina mão chamou-o para dentro. Subiu e lançou o braço em volta da cintura da formosa mulher, ao passo que o trenó voava!

A fascinada mascara que o raptara insistiu em lhe vendiar os olhos e Suvalof estava já demasiado intrigado para recusar.

Tapou-lhe os olhos com o lenço e antes do conde poder fazer qualquer movimento amarrou-lhe tambem as mãos.

Era seu prisioneiro.

Depois d'uma longa carreira em trenó, a tepida e macia mão da sua companheira guiou o conde por uma escada acima: atravessaram um corredor comprido e entraram n'um quarto atapetado, onde havia uma temperatura deliciosa.

Abi tirou-lhe a venda.

Suvalof viu-se n'uma pequena sala luxuosamente mobilada, onde a baechante se recostava n'uma ottomana.

— É muito imprudente, meu caro Suvalof! exclamou a mascara. Imagine que eu era creatura da tsarina, ou qualquer miseravel cumplice de saltadores, porque deve saber que está agora em meu poder.

O conde estremeceu, mas não o deu a perceber.

— Quem pode ser cauteloso quando todos os nossos sentidos vibram? disse Suvalof a rir.

— Ah! está então disposto a apaixonar-se por mim? — inqueriu a formosa mascara com ironia.

— Veneca-me! exclamou o favorito da tsarina. Confesso que...

— Ainda não me viu a cara... disse a baechante com malicia.

— Um corpo com o seu ha de ter, por força, um rosto de belleza incomparavel.

A fascinadora mulher ergueu-se, desigou-lhe as mãos e deixou cair a mascara.

— A senhora condessa! — murmurou Suvalof encantado.

Era a lindissima esposa de Bestusef que o abraçou e fez assentar ao pé de si.

— Que quer de mim? perguntou o conde.

— Que seja meu escravo.

— Tem razão, afirmou Suvalof. Siato-me completamente escravo da sua vontade e do seu capricho. Oh! como é bella! Offusca todas as damas da corte, como o sol offusca as estrellas.

— Pois que! Tambem Isabel.

— Tambem a tsarina! Endoidecer-me-ha se não tiver piedade da minha paixão, continuou ajoelhando em frente da condessa Bestusef.

Ella fitou-o com intimo contentamento.

— Era assim que o queria ver. Quiz certificar-me até que ponto chegava a sua fidelidade para com Isabel e estou muito satisfeita em

EM FLAGRANTE — CINTRA



Nos Seteas

um bello e perigoso homem. Ao meos vejo agora a confiança que tens em mim.

— Meu Deus! o que não se faz para conseguirmos os nossos fins politicos! disse o ministro suspirando.

— Pensa bem no que me pedes, insistiu a formosa mulher. Não duvido um só momento de que alcanças o objectivo diplomatico a teu contento, mas o que succederá depois não garanto, meu caro.

— Tenho confiança em ti.

— Mas eu não tenho confiança em mim, declarou a condessa rindo. Sim! Sim! meu caro!

— Sim! Sim! meu caro! repetiu o papagaio.

— Experimentemos, aconselhou Bestusef. Se houver perigo para ti ha tempo de parar.

A condessa encolheu os hombros com ironia.

Alguns dias depois houve um baile de mascaras na corte. As damas da aristocracia procuravam rivalisar nos vestidos, originalidade e gosto. A tsarina apresentou um esplendido traje de duquesa de Moseovia, dos tempos de Ivan o Terrivel; a condessa de Suvalof ia de chinesa; a condessa Trubetzkoï attraia a attenção de todos pelo seu vestuario á moda de Kantschaka, n'um trenó puxado por dois cães brancos.

Ficaram, porém, todas offuscadas por uma baechante vestida com um magifico traje antigo, que mostrava umas lindas costas e trazia no opulento cabelo ondeado virentes folhas de vinha.

A tsarina enrugou a testa vendo essa singular appareição e ordenou a Suvalof que indagasse quem era.

N'um instante, Suvalof encontrou-se ao lado da encantadora baechante que o attraia.

— Como estás? disse ella estendendo-lhe a mão. Esperava-te!

— A mim? exclamou o incredulo titular.

— Sim, a ti! continuou a mascara. Se aqui estou é só par tua causa. O Olympo enviou-me a este gelado paiz do norte para te experimentar.

— De que modo? perguntou Suvalof.

— O teu coração não está livre, declarou a baechante. Estás aos

ter por escravo um homem tão poderoso como o senhor é, mas piedade consigo não posso ter.

— O que! Não aceita o meu amor? murmurou Suvalof.

O susto e o desapontamento que se lhe pintaram no rosto divertiram muito a condessa.

— Não, não, respondeu. Pelo contrario, tem de amar-me: será uma distração, mas não conte com a reciprocidade.

— Misericórdia!

— Não a terei. E para lh'o provar permitto-lhe que me veja amanhã á tarde quando der o meu passeio habitual em frente do Almirantado...

— Para a acompanhar?

— Não, para ver-me, declarou a condessa, que sabia que tratando-o por este modo o dominaria mais facilmente. Agora deixe-me só.

Suvalof quiz abraçar-a, mas o seu ativo olhar não lh'o consentiu.

— Ao menos permitta-me que lhe beije a mão — solicitou o conde.

— É muito.

— Então o pé.

— É ainda muito.

E a condessa desatou a rir.

— Permitta-lhe que beije o chão onde agora pousei os pés — disse a gentilissima feiticeira, recuando um passo.

E o favorito das mulheres formosas, o amante da mais deslumbrante soberana do mundo, ajoelhou humildemente e beijou o tapete que ella pisara.

Levantou-se, cumprimentou a garrida divindade e saiu.

O trenó fechado da condessa Bestusef levou-o a sua casa.

No dia seguinte Suvalof esperava a encantadora dama, com o coração palpitante, nas proximidades do Almirantado.

Com o triumpho que obtivera podia considerar-se satisfeito; nunca succedera ao conde encontrar uma mulher que lhe resistisse: cediam todas na primeira entrevista e tambem depressa Suvalof se esquecia d'ellas.

A primeira que o repellira e até se rira d'elle, encontrára meio de o enfeitiçar. Sentia-se em frente d'ella, não como um leão da sociedade, como o victorioso conde de Suvalof, mas como um simples collegial.

Experimentou uma ventura sem limites quando a condessa respondeu com uma ligeira inclinação de cabeça ao seu humilde cumprimento, mas essa simples saudação inundou-o d'uma tal felicidade que nunca gosara outra egual nos braços da sua bella soberana.

A orgulhosa frieza já condessa dominava-o, enlcava-o, dava-lhe vertigens. Foi visital-a n'esse mesmo dia, mas a senhora Bestusef não o recebeu.

Desculpou-se dizendo que estava ençadada. No dia immediato respondeu-lhe que ainda não estava vestida e porfim mandou-lhe communicar que não o queria receber.

A sua exaltação tocava o auge quando encontrou a cruel n'um concerto; enquanto a tzarina ouvia uma aria italiana, Suvalof aproximou-se da cadeira da condessa e murmurou fundamente commovido algumas palavras.

— Affirma que me ama? perguntou a condessa rindo. Desconfio

— Espero-o amanhã — acerescentou a condessa. — Venha informar-me do resultado que obteve.

— Torna-me o homem mais feliz do mundo.

— Oh! ainda não! — retorquiu a sagaz diplomata a rir.

.....
A alliança não se fez e Suvalof não cantou victoria...

S. M.



Jules Cardanne

Secretario da redacção do *Figaro*, de Paris

Este illustre jornalista francez que pela quarta vez visita Portugal é hoje o secretario do jornal «Le Figaro». O cargo que elle exerce basta para attestar o seu valor como jornalista e como homem. Devemos-lhe todos nós portuguezes uma grande sympathia que se traduz sempre no enthusiasmo com que se refere ás nossas cousas, e na justiça que tributa aos nossos homens. O «Brasil-Portugal» apresenta-o hoje aos seus leitores, como um verdadeiro amigo de Portugal.



Deserto

(No album de um velho).

Vem uma vaga e, logo após, ligeira,
Vem outra vaga e outra .. e outra em seguimento...
Passa uma véla e, após, na mesma esteira,
Passa outra véla, tremulando ao vento.

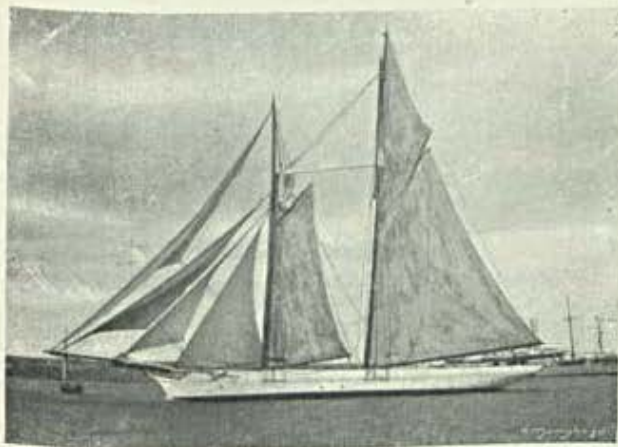
E, afinal — no horizonte nevoento,
Outras plagas buscando, aventureira —
Do derradeiro barco somnolento,
Desapparece a véla derradeira.

Depois... mais nada... solidão, tristeza...
Desce a noite. Na azulea profundez,
De vez em quando, surge um astro incerto...

Como as vélas — após a mocidade —
Uma saudade segue outra saudade,
E o coração — depois —... fica deserto.

Pernambuco.

Mendes Martins.



Palhabote «Lia»

Offerecido por S. M. á corporação dos Pilotos. Tem hoje o nome de D. Maria Amelia

muito da sinceridade dos seus sentimentos. Quer convencer-me do contrario?

— Estou prompto a fazer tudo quanto me peça, murmurou Suvalof.

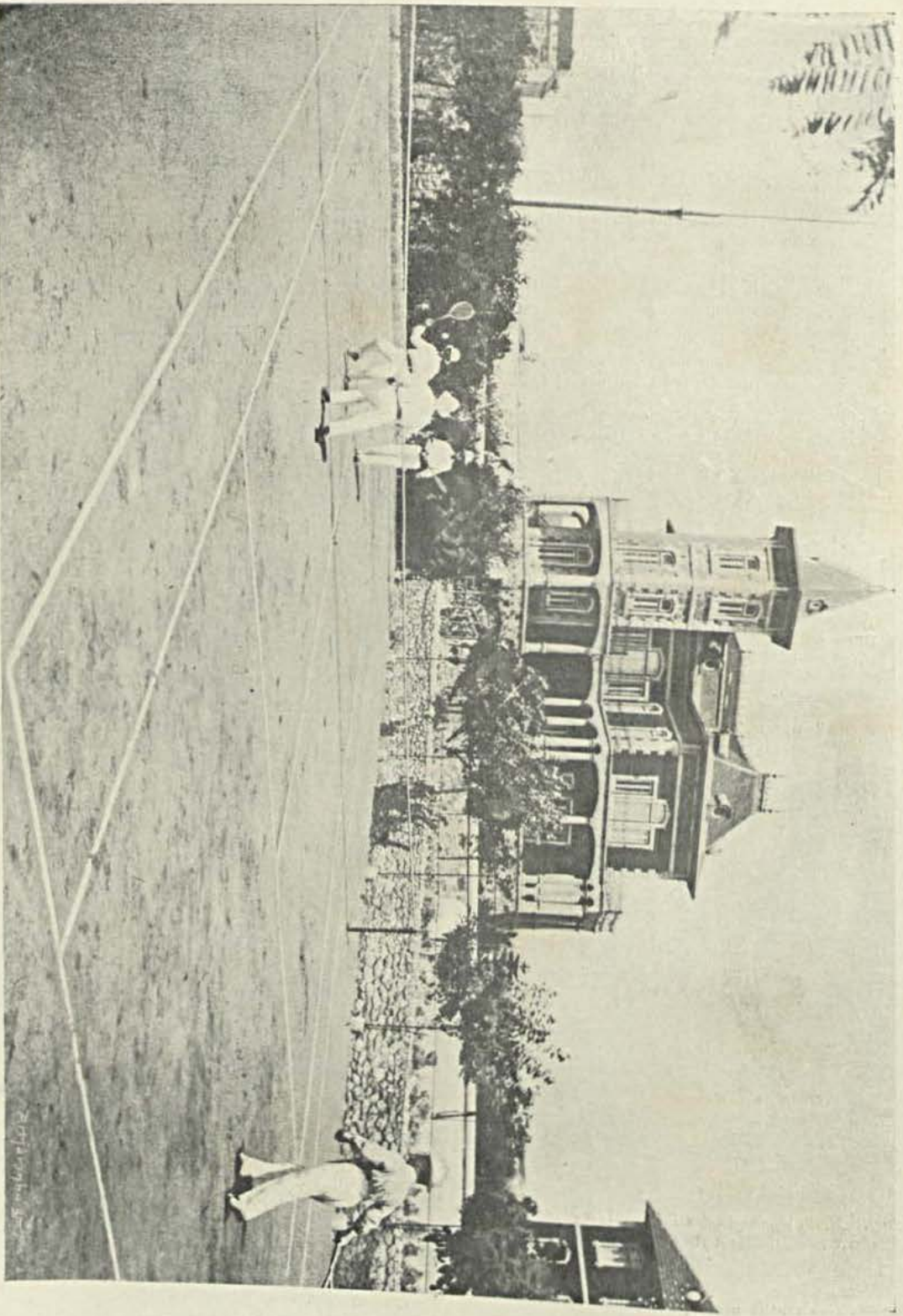
— E se eu me lembrasse de fazer uma experiencia? insinuou a condessa em voz baixa.

— Mas diga, diga.

— Bem, tenho a sua palavra! exclamou a condessa. Assegura-se que a tzarina quer alliar-se com a Prussia e nomear seu herdeiro o duque Pedro de Holstein. Esses projectos melindram o meu patriotismo. Como sabe, conde, sou russa até a raiz dos cabellos. Ha de empregar ainda hoje toda a sua influencia sobre a imperatriz para modificar os seus planos. Fará o que exijo?

— A senhora ordena e eu só tenho que obedecer, respondeu Suvalof.

Carcavellos — Àrredor de Cascaes



À prata